

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Commercio (R. J.) Class.: Diritos Indígenas
 Data: 18 de Setembro de 1990 Pg.: DJNR 0173

Racismo é maior contra os negros e indígenas

O racismo das Américas e do Caribe, que atinge principalmente as raças negra e indígena, acima de qualquer aspecto social, é o tema do Congresso Nacional a ser realizado nos dias 23 a 29, no Rio de Janeiro, com 150 participantes de 22 países. Entre eles estarão representantes de indígenas brasileiros, além do Canadá, da Bolívia, de grupos caribenhos negros e africanos criados dentro da cultura indígena desses países, negros brasileiros e norte-americanos.

Sob o patrocínio do Programa de Combate ao Racismo do Conselho Mundial de Igrejas, a Consulta Continental do racismo nas Américas pretende enfocar, principalmente, a falta de associação entre os povos discriminados e tornar a Igreja mais ativa no combate ao racismo, o que seria fundamental para fortalecer o movimento, na opinião da coordenadora do Programa Mulheres e Racismo nos Estados Unidos Jeane Sindab, assessora do ex-candidato à Presidência dos Estados Unidos pelo Partido Democrata, Jesse Jackson.

Jeane Sindab, uma das participantes do Congresso, disse que a intenção da igreja católica, das Américas e da Europa, especificamente da Espanha, é promover a confraternização dos 500 anos pós-colonialismo — que acontecerá em 1992 — avaliando e questionando os aspectos sociais, raciais e econômicos. Apesar de admitir a importância da participação da igreja, Jeane Sindab considera que a instituição é responsável pela legitimação do racismo, porque muitas vezes se omite. “Ela se beneficia com a manutenção do racismo porque tem poder, que é exercido por homens brancos”.

Outro aspecto ressaltado pela coordenadora do Programa de Combate ao Racismo (PCR) é o de conscientizar os negros, indígenas e os racialmente reprimidos, em geral, de sua verdadeira identidade étnica. “Somente as vítimas do racismo podem realmente eliminar o racismo. Os outros são apenas importantes no apoio”, enfatizou Jeane.

— Tanto no Brasil como nos Estados Unidos, tive dificuldades de contar com ajuda das igrejas, mas agora já está caminhando. Aqui no Brasil, acho que o movimento negro está muito bem, o que falta ao país é a articulação em nível nacional, mas isto, com o tempo, virá, disse a assessora de Jesse Jackson.

Um grande mito, segundo a coordenadora, é de que no Brasil o racismo é, antes de tudo, um fator social. Ela destacou as dificuldades que teve no Brasil, em 1987, para encontrar estatísticas sobre os negros



Jeane Sindab

brasileiros. Jeane acredita que este seja um dos problemas que impede o fortalecimento do movimento de liberalização do negro no Brasil, pois constatou que não existia censo diferenciando situação econômica e racial entre a população brasileira.

Antes da realização do Congresso Nacional, no Centro Educacional Sagrado Coração de Jesus, haverá o “Encontro de Mulheres Negras e Indígenas”, no mesmo local, dia 22 onde o racismo será analisado de acordo com as dificuldades femininas, principalmente no que diz respeito a problemas de opressão, racismo e ceticismo. “As mulheres sentem muita dificuldade de articulação ao se expressarem sobre seus problemas específicos. Acredito que 50% da participação o Congresso Internacional de Combate ao Racismo, seja de mulheres”, disse Sindab.

Em relação à participação política dos negros nos Estados Unidos, ela ressaltou que no Senado, um dos locais de mais poder, não existe negro. No Brasil, ela considerou que os negros têm pequena participação, mas enfatizou que o sistema dos Estados Unidos é o mais racista do mundo, pois não tem nem mesmo a diferenciação que existe no Brasil entre mulatos e negros. “O sistema norte-americano é o mais racista do mundo, incluindo o da África do Sul. Os negros são discriminados por qualquer pessoa, indiferente de sua classe social, o que já não é freqüente no Brasil.